

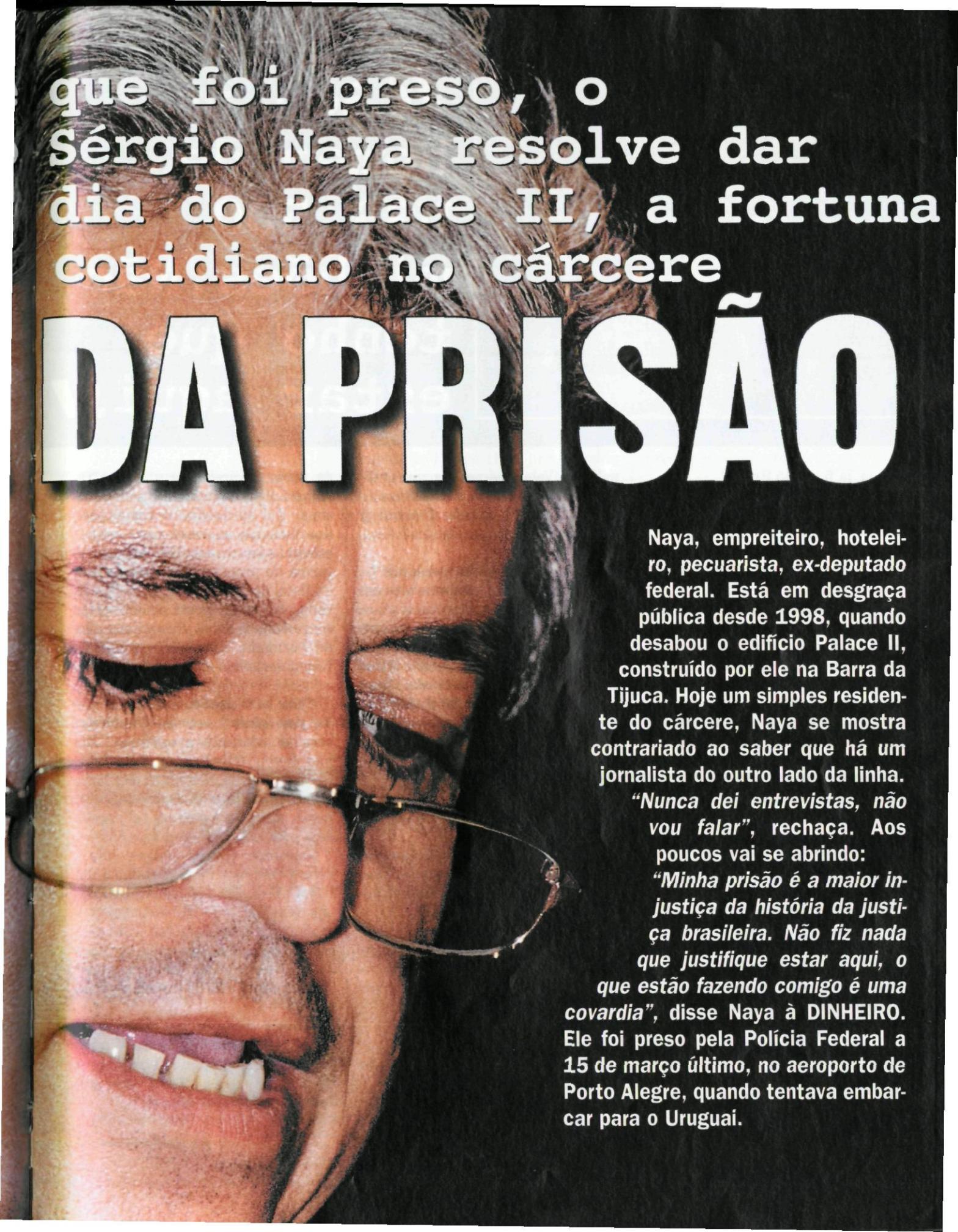
Pela primeira vez desde
empresário da construção
sua versão sobre a tragé
que perdeu e o amargo

NAYA FALA

POR HUGO STUDART

Terça-feira, 1º de junho, 16 horas. O telefone celular toca dentro da carceragem do Ponto Zero, a Casa de Custódia de Benfica, Rio de Janeiro. No pátio, policiais ainda recolhem os estragos provocados por uma rebelião de três dias, que resultou na barbárie de 34 mortos. Da ala especial, onde ficam os detentos com curso superior, dá para ver parte do cenário. É tétrico, repulsivo. A rebelião não chegou até lá, mas dava para ouvir os gritos das execuções. Numa das celas especiais, um detento atende ao celular. "Alô", diz Sérgio Augusto

Exclusivo



que foi preso, o
Sérgio Naya resolve dar
dia do Palace II, a fortuna
cotidiano no cárcere

DA PRISÃO

Naya, empreiteiro, hoteleiro, pecuarista, ex-deputado federal. Está em desgraça pública desde 1998, quando desabou o edifício Palace II, construído por ele na Barra da Tijuca. Hoje um simples residente do cárcere, Naya se mostra contrariado ao saber que há um jornalista do outro lado da linha.

“Nunca dei entrevistas, não vou falar”, rechaça. Aos poucos vai se abrindo:

“Minha prisão é a maior injustiça da história da justiça brasileira. Não fiz nada que justifique estar aqui, o que estão fazendo comigo é uma covardia”, disse Naya à DINHEIRO. Ele foi preso pela Polícia Federal a 15 de março último, no aeroporto de Porto Alegre, quando tentava embarcar para o Uruguai.



// Sou um homem de US\$ 500 milhões. Não tenho que estar aqui //

O sr. ia fugir do Brasil?

“Eu não estava fugindo do País. Eu ia a Montevideu tentar levantar dinheiro para pagar as indenizações. Sou um homem bom, nunca fiz mal a ninguém.”

Naya quer falar. Quer contar sobre seus tempos de deputado federal, quando gostava de sobrevoar as cidades do interior de Minas em um de seus aviões.

“Eu jogava balas e bombons para as crianças pela janela do avião. Sabe quanto eu jogava? Chuta aí: uma tonelada de doces. Também distribuía uns 5 mil presentes no Natal.”

O empresário conversa por 25 minutos. Naquele exato momento, um grupo de ministros do Superior Tribunal de Justiça decidia em Brasília um pedido de *habeas corpus* impetrado pelos advogados de Naya.

O sr. acredita que pode ser solto?

“Vou ser solto amanhã. Logo vou estar livre.”

Na véspera, segunda-feira 31, o hotel Saint Paul, em Brasília, único bem de Naya que ainda dá lucro, foi levado a leilão judicial. Os empreiteiros Paulo Octávio e José Celso Gontijo arremataram juntos, por R\$ 9,4

milhões. Vale três vezes mais. O dinheiro deveria ser para as vítimas do Palace II, mas a Receita Federal já se credenciou para receber na frente.

O sr. não pretendia ressarcir os prejuízos de quem perdeu o teto em que morava?

“Estou pagando as indenizações a todo mundo. Só não paguei aos que não querem fazer acordo. São uns radicais. Também já gastei mais R\$ 8 milhões com hospedagem das famílias. E olha que a maior parte era inadimplente, alguns só pagaram duas prestações.”

E o que vai fazer quando estiver solto de novo?

“Vou tocar meus negócios, começar tocando meus hotéis. Mas só conto os detalhes quando estiver livre. Até amanhã.”

Uma hora depois, o tribunal decidiu manter Naya na cadeia por tempo indeterminado. Foi o sexto pedido consecutivo negado.

Como o sr. está instalado?

“Não há qualquer privacidade aqui”, reclama.

A cela de Naya é a menor da ala especial de Benfica. São 24 presos em 17 beliches. O de Naya fica perto

da porta, à direita de quem entra. Não há ninguém morando no leito de cima. Ele aproveitou o vácuo para improvisar uma cortina de lençóis cobrindo sua cama. De vizinhos, a turma do propinoduto liderada pelo ex-fiscal da Fazenda Rodrigo Silveirinha. Naya não gosta de conversar com nenhum deles. Passa seus dias de bermuda, camiseta e sandálias Rider, pensando em como se libertar.

“Vou sair dessa, vou dar a volta por cima”, repete, em várias ocasiões, durante a conversa. Ele não levou frigobar ou televisão. Também não lê. Sua única distração é falar ao celular, duas, três, quatro horas seguidas – embora tal regalia seja proibida aos detentos.

Sobraram poucos amigos, talvez sete. O senador Paulo Octávio é um deles. O empreiteiro José Celso Gontijo (ex-Via, hoje JC Gontijo) é o mais próximo. Também conversa muito com o corretor de imóveis José Lyrio Aguiar, dono do maior plantel de cavalos de corrida do País.

“Meus amigos me abandonaram, viraram as costas para mim”, queixou-se dias atrás numa dessas conversas. **“Fui traído por quase todos que ajudei.”**

Laís Naya, irmã do empresário, revela que ele está tomando um co-

quetel de 10 comprimidos por dia para depressão, hipertensão e gota. "Seu estado psicológico é de dar dó. Não desenvolve mais raciocínio lógico e às vezes tem delírios", conta Laís. Seu advogado Joaquim Flávio Spindula reforça: "Ele alterna depressão profunda com euforia extrema. Nos piores momentos não fala e não come. Já sofreu três AVCs (acidente vascular cerebral) e o laudo médico mostra que há um buraco enorme no cérebro". Um amigo revela que por vezes ele cogita se candidatar de novo a deputado federal por Minas Gerais.

"Estão insistindo muito para que eu volte à política", diria Naya. **"Mas não quero."**

Outro interlocutor conta que, em momentos de desespero, já o escutou gritar três vezes:

"Sou um homem de 500 milhões de dólares e não tenho que estar aqui".

Não é mais. Antes do Palace II desabar, Sérgio Naya chegou a ter um patrimônio declarado de US\$ 150 milhões – daria hoje R\$ 500 milhões. Morava entre um triplex em Brasília e o elegante edifício Joan Lespin, avenida Vieira Souto, Ipanema. Tinha 7 mil empregados e construía de

uma só vez um conjunto de mil apartamentos em São Paulo, quatro torres de hotel na Flórida e um shopping center na Barra da Tijuca. Não usava carros blindados. "Se alguém tentar me assaltar, eu mato antes", justificava aos amigos. Deslocava-se entre as obras com seus três helicópteros e dois jatos Citation, onde só havia água Perrier, champanhe Cristal e patê de *foie gras*. Quando o edifício desabou, foi acusado de construir o Palace II com areia de praia. Seus negócios derreteram rápido. Por ordem da Justiça, todos os seus bens estão bloqueados. Vão sendo leiloados aos poucos para indenizar as vítimas. A construtora, hoje, só tem quatro empregados. Há três anos, Naya foi julgado pelo desabamento do Palace II. O juiz Heraldo Saturnino o absolveu de todas as acusações. O concreto era de boa qualidade e não foi utilizada areia de praia, segundo os peritos.

"Se areia de mar desse para fazer concreto, o Rio não teria mais nenhuma praia", argumenta Naya à DINHEIRO.

Quem errou, segundo a sentença, foi o calculista José Roberto Chendes, condenado a dois anos e oito meses de prisão. Naya entrou em acordo com 78 famílias e pagou R\$

15 milhões em indenizações. Deve outros R\$ 48 milhões a 102 famílias que não querem entrar em acordo. Também já torrou pelo menos outros R\$ 10 milhões com quatro equipes de advogados. Deve ainda R\$ 220 milhões ao INSS, R\$ 150 milhões à Receita e está com o triplex de Brasília penhorado até a quitação do IPTU.

Naya está preso sob a acusação de ter cometido três deslizos. Teria falsificado uma escritura para transferir um sítio de R\$ 30 mil a um empregado. Pediu ao juiz para vender duas Mercedes velhas – mas uma seria semi-nova. Solicitou a liberação de R\$ 100 mil para pagar um consultor mas o dinheiro foi entregue a seu mestre-de-obras. Está preso pelo conjunto da obra.

"Não fiz nada disso, é tudo um mal-entendido", defende-se.

Na manhã de quinta-feira 3, DINHEIRO telefona novamente para Naya. Desta vez ele está agressivo. Desliga o celular aos gritos para a seguir telefonar pedindo desculpas. Defende-se novamente das acusações e conta que está, mais uma vez, pedindo sua libertação ao Supremo Tribunal Federal. **"Vou estar livre já na terça ou quarta-feira",** avisa. Aguardem. ■

SALDO DA TRAGÉDIA

R\$ 15 milhões é quanto Naya pagou, em indenizações, a 78 famílias com quem fez acordo

R\$ 48 milhões é o valor da dívida com outras 102 famílias, que foram à Justiça

R\$ 10 milhões é a conta dos advogados

R\$ 370 milhões é quanto Naya deve ao INSS e à Receita Federal

R\$ 9,4 milhões foi o montante arrecadado no leilão do Hotel Saint Paul (dir.), em Brasília. Ele valia três vezes mais

